

ESCUTAR COM OS OLHOS: A ARTE DE OBSERVAR ALUNOS COM INDÍCIOS DE ESPECTRO NÃO DIAGNOSTICADOS

¹MICHELE BORGES CAMARGO¹; ²CAROLINA MARTINS PORTELA²;
³MARCO AURELIO CRUZ SOUZA³;

¹Universidade Federal de Pelotas – desireedancaufpel@gmail.com

²Secretaria Municipal de Educação - profacaroldanca@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - marcoaurelio.souzamarco@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo nos convidar a enxergar para além do que é evidente no processo educacional desenvolvido em uma escola de educação básica do município de Pelotas - RS. Trata-se de uma reflexão construída a partir das experiências e vivências pedagógicas e artísticas em dança de uma bolsista, realizadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), núcleo Dança da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), em parceria com o Colégio Municipal Pelotense. Desde abril de 2025, a estudante atua como bolsista nesse projeto, sob a supervisão da professora Carolina Martins Portela e a coordenação e orientação do professor Marco Aurélio da Cruz Souza.

Neste curto período inserida na escola, a bolsista já percebeu que cada estudante da educação básica carrega consigo um universo singular a partir de suas experiências no mundo, muitas vezes silencioso, que nem sempre se manifesta nas palavras, mas se revela nos gestos, nos olhares e nas atitudes. Quando falamos de inclusão, não basta que todos estejam fisicamente presentes: é fundamental assegurar que cada indivíduo se sinta pertencente, acolhido e capaz de aprender. Souza e Santos (2024) em seu trabalho *Perspectivas sobre a Arte e Educação* cita Amoedo (2002) que sugere as propostas contemporâneas de dança como sendo uma dança para todos, que agrega as diferenças, que por isso é inclusiva. Silva (2010; 2015 apud Souza e Santos, 2024) aponta os benefícios da dança nos diferentes níveis: motores, cognitivos, afetivos, sociais. Nesta direção, e com base nestas referências, a bolsista tem trabalhado na busca de entender como o ensino das Artes na escola, a partir de sua dimensão artística/educacional, constitui-se como terreno fértil para atender diversos corpos em seus inúmeros aspectos: racionais, sensíveis, criativos e espetaculares, sejam estes corpos com ou sem deficiência ou atravessados por outras diversidades.

Durante esta trajetória na escola, a bolsista vivenciou situações que apresentamos a seguir, despontaram para a realização de reflexões profundas sobre a importância da observação do professor (avaliação diagnóstica) para compreender melhor os alunos, principalmente aqueles que apresentam sinais de neurodivergência, mesmo sem a apresentação de um diagnóstico formal. Essa prática a conduziu ao exercício que dá nome a este trabalho: *escutar com os olhos* — um olhar sensível e atento, capaz de perceber o que não é dito, mas que se expressa de forma intensa nas entrelinhas do comportamento. Como afirma

¹ Bolsista de Iniciação à Docência financiado pela CAPES

² Bolsista Supervisora financiado pela CAPES

³ Bolsista Orientador Dança Financiado pela CAPES

Vygotsky (1998, p. 115), “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo por meio do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam”. Assim, observar não significa apenas ver, mas também compreender, interpretar e mediar. É sobre essa experiência de escuta e percepção, construída no espaço da dança e da educação, que compartilhamos estas reflexões iniciais.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Este estudo possui caráter qualitativo, observacional e reflexivo, buscando compreender a realidade escolar a partir da vivência prática. As atividades foram desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBD), no Colégio Municipal Pelotense, todas as segundas-feiras e quintas-feiras, nos turnos matutino e vespertino. O trabalho abrangeu turmas do Pré ao 3º ano do Ensino Fundamental, divididas em dois grupos para cada ano, em ambos os turnos.

Desde a chegada dos alunos, a bolsista iniciou um processo contínuo de observação atenta: como reagem à chamada, como respondiam às propostas e como se deslocavam para a sala de dança. Também realizei diálogos e indagações com a professora supervisora — que atua há três anos ministrando aulas para este adiantamento — a fim de obter informações complementares que subsidiassem este estudo. Situações aparentemente simples, como a organização de uma fila, revelaram muito sobre cada estudante: quem se empolga, quem resiste, quem precisa de apoio para seguir.

As informações coletadas foram registradas em diário de campo reflexivo, contendo descrições das ações dos alunos, estratégias aplicadas e percepções sobre seus resultados. Essa prática se alinha à perspectiva de Luckesi (2005, p. 81), para quem “a observação é um instrumento fundamental para compreender os processos de ensino e aprendizagem”.

Com base nessas observações, a estudante elaborou estratégias pontuais para favorecer a participação de alunos que apresentavam sinais de neurodivergência, como o uso de comunicação clara, aproximação afetiva e reforço positivo. O objetivo não foi diagnosticar, mas compreender e acolher as singularidades presentes no grupo.

Relato Breve — Uma aluna que marcou a bolsista

Entre todos os estudantes, uma menina em especial atenção chamou a atenção da bolsista. Desde o momento em que chega, demonstra uma energia intensa: seus movimentos são rápidos, sua fala é acelerada e sua presença demanda atenção constante. Em alguns momentos, suas atitudes inesperadas, como correr pela sala que contém espelhos, agressões como tapas nos demais alunos, colocam em risco a própria segurança e a dos colegas.

Notou-se que ela apresenta uma necessidade acentuada de acolhimento. Quando seus pedidos não são atendidos, chora, se revolta e, por vezes, adota comportamentos agressivos, como bater na mesa, atirar objetos. Inicialmente, isso representou um grande desafio: como trazê-la para a presença sem reforçar padrões de dependência?

Com o passar do tempo na escola, a bolsista percebeu que uma fala

acolhedora, acompanhada de olho no olho e atenção direcionada, poderia produzir efeito imediato. Ainda que por poucos minutos, ela se acalmava, participava, olhava para a bolsista e respondia. Esses minutos foram consideradas verdadeiras vitórias — sinalizavam que insistir em estratégias pautadas no vínculo e na empatia valeria a pena.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas vivências iniciais oportunizadas pelo PIBID na Escola Municipal Pelotense como professora de dança em formação transformou profundamente a forma da bolsista de compreender os processo de inclusão na educação básica. A bolsista tem aprendido que pequenas conquistas — como alguns minutos de atenção consciente — possuem um valor imensurável no contexto educativo e podem modificar as formas de aprendizagem das crianças. Passou a perceber que não existe um fórmula única para o ensino pois cada aluno demanda um tipo singular de processo que atravessa a escuta, a abordagem e o vínculo criado no ambiente educacional. Como afirma Mantoan (2003, s/p.), *“a inclusão não se limita à permanência do aluno na escola, mas envolve a garantia de sua participação nas atividades e relações que a compõem”*. Incluir é, portanto, criar condições reais de aprendizado e pertencimento, mesmo diante dos desafios que se apresentam no cotidiano escolar.

O maior impacto dessa experiência na formação da bolsista foi compreender que ser educadora é um exercício diário de presença e sensibilidade. *Escutar com os olhos* deixou de ser apenas uma metáfora e se tornou um compromisso ético com a educação que acolhe nos fazeres da bolsista.

O que ela tem aprendido vai muito além de criar estratégias pedagógicas, entendeu que a inclusão acontece no encontro — no olhar atento, na escuta sensível e no gesto acolhedor. Não se trata apenas de cumprir diretrizes, mas de construir relações que deem significado à presença de cada estudante a partir das diretrizes básicas nacionais.

Sabemos que os desafios na educação básica nacional são inúmeros, especialmente quando se trata de alunos que apresentam sinais de neurodivergência sem diagnóstico formal. Ainda assim, cada resposta positiva, por menor que pareça, representa uma vitória — não apenas para eles, mas também para nós, educadores em formação, o que mostra a importância do PIBID na formação de estudantes de licenciatura, que desde o início de sua formação deparam-se com contextos reais da profissão futura.

Como professora em formação, a bolsista leva desta experiência no programa de iniciação a docência a convicção de que seu papel é acolher, compreender e criar caminhos para que todos possam aprender. Escutar com os olhos não é só uma metáfora: é uma maneira de ensinar, aprender e humanizar a escola.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** 4. ed. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção Cotidiano Escolar).

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOUZA, Marco Aurelio da Cruz; SANTOS, Eleonora Campos da Mota. **Perspectiva sobre o processo de inclusão no ensino da Arte**. In: SOUZA, Marco Aurelio da Cruz; TENÓRIO, Luciana Elisa Lozada; VILELA, Andreia; PRESTES, Taís Chaves; PUERTO, Rodrigo Merenda. Residência Pedagógica 2022-2024 UFPEL, Núcleo Interdisciplina de arte, perspectivas sobre arte e educação. 1ª edição. Salvador: Editora ANDA, 2024. p.15-20.